

**Opinião**

# Médicos e doentes, doentes e médicos. Que relações?

## A medicina é uma arte baseada na ciência, às vezes também uma artesanania e uma técnica...

Manuel Mendes Silva

Chefe de Serviço Hospitalar de Urologia do Hospital Militar Principal da Lisboa  
Presidente da Assembleia-Geral da Associação Portuguesa de Urologia  
Ex-Presidente da Associação Portuguesa de Urologia e do Colégio de Urologia da Ordem dos Médicos

Fala-se muito hoje em humanização na Medicina. Porquê?

A Medicina, que sempre foi, e é ainda, uma arte, embora cada vez mais baseada na ciência, sempre se pautou por uma relação individual médico-doente baseada em valores tradicionais de respeito, confiança, honestidade, amor humano. Todavia, esses valores tradicionais estão em crise e será bom reflectir sobre essa crise, as suas razões e possíveis formas de a ultrapassar, através de uma mudança e evolução harmoniosas.

Há séculos vivia-se em ditadura religiosa e dos costumes, também em ditadura política, que foi evoluindo, nas sociedades ditas civilizadas, para modelos de democracia política e social, e de separação entre o religioso e o laico, entre o conceito e o preconceito, com o assumir de valores como os direitos e garantias básicas, os deveres, a cidadania, a liberdade e a verdade como bens absolutos. Mas se é francamente positiva esta evolução, também acontece que, na história recente, muitos destes valores e de outros mais tradicionais são postos em causa por uma ditadura económico-financeira, sob uma capa de democracia política e social, numa sociedade cada vez mais global e tecnológica, mas em que se convive com a ausência ou até a inversão de certos valores humanos, a competitividade sem regras, a desconfiança entre parceiros, o egoísmo, o hedonismo, o consumismo...

Estamos numa sociedade tecnológica, muito longe, e no entanto tão perto, das sociedades agrícolas e

industriais dos nossos pais e avós. A comunicação, a informatização e a robotização revolucionaram o mundo, a tecnologia destronou a técnica e a artesanania. Vivemos numa sociedade consumista, sob as ditaduras do dinheiro e da tecnologia, em que o humanismo e as humanidades, não tendo desaparecido, estão nas “prateleiras baixas”. Vivemos numa sociedade em mudança e evolução ultra-rápida, que a nossa capacidade evolutiva humana não consegue acompanhar...

Por isso se fala tanto em humanizar, no atendimento público, na prática da Medicina, em muitos outros sectores. Acresce que a prática da Medicina sempre foi de natureza fundamentalmente humanista, com base, é certo, e crescente importância, da ciência e da técnica, sobretudo nas sociedades ocidentais. Os doentes falavam com os seus médicos, expunham-se, abriam-se, tinham fé, e os médicos, tantas vezes apontados, e com alguma razão, como deuses e/ou demónios, olhavam e ouviam os seus doentes, tocavam-nos, palpavam-nos, afagavam-nos, por vezes até lhe provavam as urinas. E, tratando-os como podiam, consolavam-nos e davam-lhes confiança. Com as tecnologias, a primeira das quais o estetoscópio, começa o afastamento físico e posteriormente o afastamento intelectual e afectivo, o afastamento humanístico. Hoje os doentes não são doentes, são pacientes, utentes ou clientes (cada uma das palavras deveria ter o seu sentido) e os médicos não os ouvem, mal lhes falam, quase não lhes põem a vista em cima e muito menos os

tocam, os palparam, os afagam; pedem-lhes e fazem-lhes exames, por vezes com pouco senso prático, para uma medicina defensiva de “boas práticas” teóricas. É também uma relação tecnológica, com a máquina, com o número da evidência científica, que pode ser eficiente, mas que é fria e deixa um vazio. É também uma forma de prepotência e ditadura, encapotada com avanços, progressos, evolução. Muitos dos médicos que já estiveram “do outro lado” isto é, que já foram doentes, já viveram essa frialdade, esse vazio, quando não esse despotismo, mas todos deverão sentir esse outro lado, deverão ter também a capacidade de imaginar o que sentiriam se estivessem desse outro lado, para evitar certas situações e para compreender certas reacções.

Com Descartes, no Séc. XVII, e o seu célebre “penso, logo existo”, surgiu uma filosofia de separação da mente e do corpo, com o conceito do corpo como uma máquina composta por vários aparelhos e órgãos (respiratório, circulatório, digestivo, etc., coração, pulmões, fígado, rins, etc.), sendo a doença uma entidade nosológica com uma etiologia, patologia, sintomatologia, etc., havendo uma alteração estrutural e/ou funcional dos mecanismos biológicos em órgãos ou aparelhos. Este é um modelo reduccionista, porque reduz a problemática do ser humano doente à doença e disfunção de um aparelho, parte de um todo. Esta visão reduccionista da Medicina impede que se veja o ser humano integral, como uma pessoa que, para além do seu corpo, tem espírito (psique), e não vive só, mas integrado num grupo social e num meio ecológico. A saúde é um estado de completo bem estar físico, mental e social, e não somente a ausência de doença, definiu a OMS nos anos 50 do Séc. XX. É a visão holística da Saúde e da Medicina, em permanente mudança e evolução, e em que para além da Medicina Curativa tradicional (ambulatória, domiciliária, hospitalar), existem também a Medicina Preventiva e Saúde Pública, a Medicina de Reabilitação e a Medicina Paliativa.

Neste sentido o Médico deve ver como um todo o seu Doente (que às vezes pode ser utente dum Sistema de Saúde público ou privado, e por vezes cliente numa relação também comercial), e, se é especialista, articular com os seus colegas, nomeadamente os Médicos de Família, informações e atitudes, mantendo diálogo e colaboração. Quando assume o papel de técnico especializado e sofisticado maior deve ser esse cuidado, integrado numa equipe mas não esquecendo que tem na sua presença uma pessoa, globalmente uma pessoa humana, física, mental, social, ecológica, e não apenas um organismo que está mal, ou a funcionar mal. E o Doente deve ver o seu Médico como um Homem

dotado de saber e arte para o ajudar num momento difícil, para minorar a sua fragilidade, com competência mas também com disponibilidade, compreensão, honestidade e amor. Tudo o que desvirtue este tipo de relacionamento, quer da parte do médico, quer da parte do doente, não pode ser alimentado. A desconfiança, o engano, até o ódio, de parte a parte, têm de ser combatidos. O desinteresse, a falta de empatia e de diálogo, a não compreensão da globalidade da pessoa, não podem ser estimulados. Mesmo quando a competência tecnológica é um valor primordial.

Por isso, não há que ser retrógrado, defendendo valores do passado, mas também não se pode ser utópico, defendendo valores que, embora parecendo avançados e de modernidade, no fundo não estão no nosso âmago de Seres Humanos, complexos e completos. Há que defender a eficiência e a competência, com liberdade e independência, mas num contexto humanizado, com bom senso e sentido das realidades, com confiança (reinvente-se a confiança...), honestidade (que seja a ética de todos nós...), e respeito (aprofundemo-lo, em relação a nós próprios, em relação aos outros, em relação aos objectos e às ideias...).

Por isso, há que, realmente, humanizar a Medicina, há que humanizar as relações de médicos com doentes, mas também de doentes com médicos, para uma sociedade mais feliz, com Homens como seres completos integrados e realizados.

No que aos médicos urologistas respeita, sendo especialistas e por vezes até super-especialistas, há que nunca esquecer estes aspectos humanos, traduzidos por vezes em rotinas, outras vezes em gestos maiores ou menores, mas em que o mais pequeno pode ter significado. Nesse sentido, para além da disponibilidade para ouvir os doentes e da relevância da história clínica, o exame objectivo urológico não pode ser “posto na prateleira” porque os exames complementares o substituem. A observação faz cruzar olhares. A palpação é uma forma de tocar e até de afagar, aproximando seres. O próprio “toque rectal”, defendemos ser feito em decúbito dorsal, por razões técnicas de palpação abdominal simultânea, mas também porque olhamos de frente para o doente enquanto o realizamos. As explicações médicas simples e sensatas, acompanhadas de um sorriso e de um conselho e opinião, e não a apresentação da simples “ementa” das possíveis atitudes baseadas na evidência científica e “agora escolha”, a compreensão e a disponibilidade para ajudar, aproximam, dão confiança mútua e promovem o estabelecimento da empatia entre dois Seres que afinal dependem um do outro: o Doente e o Médico.